



FURRIEL NÃO É NOME DE PAI

CATARINA GOMES

**FURRIEL  
NÃO É  
NOME  
DE  
PAI**

OS FILHOS QUE OS MILITARES  
PORTUGUESES DEIXARAM  
NA GUERRA COLONIAL

---

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVIII

*Ao Fernando, que um dia decidiu ser profeta na sua terra.  
A todos os filhos da guerra que continuam  
em busca dos pais portugueses.*

*Ao Gonçalo, o meu primeiro leitor.  
Ao João e ao António.*

© 2018, Catarina Gomes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Furriel Não É Nome de Pai.*  
*Os filhos que os militares portugueses  
deixaram na Guerra Colonial*  
Autora: Catarina Gomes  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2018

ISBN: 978-989-671-436-9  
Depósito Legal n.º 44056/18

A identidade da pessoa é feita da soma de todos  
os seus nomes.

—FRANÇOISE ZONABEND

Um rosto persigo,  
um nome guardo no sal da boca  
amarga, na pedra árdua da memória,  
no discurso penosamente reiterado  
do sangue. Nenhum silêncio  
lhe dará cobro, nem fim que  
não sejam meu fim e meu silêncio.

—RUI KNOPFLI

## ÍNDICE

Introdução	13
Furriel não é nome de pai	29
Manda vir o menino	85
Exma. Mana Emília	125
Pais procuráveis	163
Filhos que procuram pais portugueses	215
Esclarecimento	227
Bibliografia	229
Agradecimentos	235

## INTRODUÇÃO

Júlia de Sá da Costa é uma portuguesa mestiça, filha de um fuzileiro português e de uma jovem guineense que estiveram juntos durante a Guerra Colonial. Ainda bebé, foi trazida pelo pai para ser educada em Portugal. Na altura, quando contei a sua vida<sup>1</sup>, parecia-me absolutamente singular. Eu não sabia que existiam filhos de ex-militares portugueses com mulheres africanas feitos na guerra, foi Júlia quem me fez desconfiar.

Perguntei-lhe se conhecia mais «filhos» como ela: em Portugal, onde sempre vivera, não, mas julgava muito difícil ser filha única nos países onde a guerra se desenrolara. Afinal, tinham sido mobilizados cerca de um milhão de homens portugueses para entrar num conflito que se arrastou durante cerca de 14 anos (1961-1975). A questão era se haveria mais filhos como Júlia, mas deixados para trás, com as mães, na Guiné-Bissau, em Angola, em Moçambique.

Não tive, durante muito tempo, uma resposta. Nada encontrei escrito sobre esta realidade em Portugal. As minhas pesquisas conduziram-me, sim, aos filhos das guerras de outros países, desta que parece ser uma história universal — a de crianças que, pelo simples facto de nascerem, vêm ao mundo como filhas do «inimigo».

---

<sup>1</sup> A história de Júlia — que ficou com o título em crioulo de «I nha fidju» («é minha filha») — é uma das 12 do meu livro *Pai, Trêveste Medo?*, que aborda sobretudo a forma como a Guerra Colonial é percebida e imaginada por uma geração de filhos portugueses de ex-combatentes que não viveu o conflito, mas que ouviu falar dele em casa dos seus pais.

Começando apenas no século xx, e apenas no Ocidente, encontramos, na Segunda Guerra Mundial, «les enfants de Boches», como lhes chamavam em França: filhos de alemães nazis com mulheres francesas. Muitas dessas mães foram humilhadas publicamente, os seus cabelos rapados, acusadas de «colaboração horizontal». Estima-se que, só em França, tenham nascido 200 mil crianças destas uniões. Algumas foram dadas para adopção e só em adultas descobriram as suas origens. E a história destes «filhos malditos» repetiu-se onde houve ocupação alemã. Há notícias de filhos de militares alemães na Bélgica (onde serão cerca de 20 mil), na Holanda (estima-se que andem entre 12 e 15 mil), na Dinamarca (de seis a oito mil) e na Noruega (de dez a 12 mil)<sup>1</sup>.

Acabei por ir desembocar também na história dos filhos de militares americanos com mulheres vietnamitas, com o nome de fusão pelo qual ficaram conhecidos, «*amerasians*» (algo como «*amerasiáticos*»), cujas duras vidas — muitos deles cresceram em orfanatos ou tornaram-se sem-abrigo — começaram a surgir nos *media* americanos ainda na década de 1980. Ou seja, cerca de dez anos após o final do conflito, que terminou pela mesma altura que a Guerra Colonial portuguesa (em 1975), a sorte dos chamados «filhos do pó» («*bui doi*») já era de conhecimento público e tema de debate na sociedade americana. O termo «*amerasian*», aliás, tinha sido estreado com os filhos de militares americanos deixados na guerra da Coreia (na década de 1950).

Na então colónia francesa da Indochina (hoje Vietname, Laos e Camboja), o governo francês admitiu oficialmente a «paternidade» de muitos filhos. No final desta guerra colonial (1945-1954), foram levadas para França cerca de 4500 crianças mestiças, filhas de mulheres locais e militares franceses. Era-lhes passado um certificado médico militar a atestar traços físicos próprios dos franceses, e na sua documentação, no lugar onde

devia estar o nome do pai, lia-se apenas: «Desconhecido, presumivelmente francês.»

Durante a guerra colonial na Indonésia (1945-1949) ficaram para trás filhos de militares holandeses com mulheres indonésias. A seguir à independência desta ex-colónia holandesa, tornou-se tão perigoso ser filho de holandês que um deles conta como a mãe o tentava disfarçar. No documentário holandês *Tuan Papa* («Senhor Papá»), John Van Kempen lembra como a mãe lhe tingia o cabelo louro de preto e lhe tentava escurecer o rosto com graxa dos sapatos, para que parecesse uma criança indonésia. «Imagine a minha figura. O que vale é que, ao menos, nasci com olhos castanhos.» Na Indonésia está documentado o assassinato de «eurasiáticos» por milícias nacionalistas.

A lista de filhos da guerra podia continuar. Mas, ao invés destes países, em Portugal não parecia existir nada escrito a dar conta da sua existência. Seria porque, por razões insondáveis, eles não existiam? Ou então a singularidade do caso português estaria no tão prolongado silêncio público em torno do tema?

«A nossa sociedade está cheia de ruídos tagarelas e de pesados silêncios. Uns e outros escondem pequenas ou grandes tragédias inominadas, mas nem por isso menos tragédias», escreveu a investigadora Manuela Cruzeiro a propósito das mulheres na guerra. Também podia estar a falar dos filhos desta guerra quando cita Lídia Jorge: «Se ninguém fotografou, nem escreveu o que aconteceu durante a noite, acabou com a madrugada. Não chegou a existir.»<sup>1</sup>

A terem nascido, estes filhos não tinham ainda designação. Um nome dá existência. Filhos da Guerra Colonial? Filhos da Guerra do Ultramar? Nada remetia para eles.

<sup>1</sup> Ingvill Mochmann, «The children of occupations born during the Second World War and beyond — An overview», pp. 264-265.

<sup>1</sup> Maria Manuela Cruzeiro, «As mulheres e a Guerra Colonial: Um silêncio demasiado ruidoso», p. 32.



Gorada a pesquisa, comecei a perguntar por estas crianças directamente aos próprios, aos ex-militares, que se enchiam de desconforto na hora de me responder. O facto é que cada um destes homens (hoje na casa dos 60 e 70 anos) de quem me abeirei admitia ter conhecido, no seu tempo de comissão, uma, ou no máximo duas crianças cuja paternidade era atribuída a militar português. Estes homens não se conheciam entre si, e se cada um citava um a dois casos, todos somados eram já umas dezenas.

Um dia puxei o assunto junto do mentor de um dos maiores blogs de ex-combatentes, «Luís Graça & Camaradas da Guiné». Luís Graça respondeu-me que o tema já tinha sido afluído algures no blogue, mas que para conseguir descobri-lo era preciso saber como: «Procure pela palavra-chave ‘filhos do vento’.»

Na posse desta espécie de código, encontrei pela primeira vez, no «recato» de um blogue frequentado quase só por ex-combatentes, algo sobre estes filhos. Era um assunto com pouco desenvolvimento, diluído entre notícias sobre organização e logística de tertúlias e encontros anuais, «memórias de lugares» («rapaziada, alguém consegue saber onde é esta foto?»), procuras nostálgicas de ex-camaradas da juventude («em busca de pessoal da CART 1689, 1967-68»), parabéns a você e, cada vez mais, *in memoriam*. Mas os filhos desta guerra lá estavam — assunto de homens, conversa de «caserna virtual».

Tinha sido um ex-furriel, José Saúde, a começar a chamá-los de «filhos do vento», porque lhe parecia que não eram filhos de ninguém, crianças com mãe guineense, que ficou por lá, e sem pai conhecido, que regressou a Portugal depois de terminada a comissão. O ex-militar introduziu o tema com cuidado, como quem conta uma história:

Colocou uma fotografia sua desse tempo, fardado e sorridente, com uma menina clara ao colo. Confessava que nunca mais se esquecera dela, tinha até pena de não ter retido o seu

nome. Na sua memória ficara sempre como «a menina de Gabu» [povoação na Guiné], como se só houvesse uma.

Recordo que a sua mãe era uma negra, muito negra, com um rosto lindo e um corpo divinal. A filha era linda! Os seus cabelos eram loiros. Maravilhosos. De cor morena e de olhos negros. Simpática e de sorriso aberto, a menina espalhava estima nos braços de um qualquer soldado.

Dizia-se que era filha de um alferes português. «Do pai nada se soube. Partiu! Com a minha saída perdi o rasto à menina. Não sei qual terá sido o seu futuro. Ter-se-á encontrado com o seu pai?»

O mentor do blogue, Luís Graça, foi-lhe na peugada, cauteloso. Sabia que o assunto era «melindroso», «tabu», mas, mesmo assim, lançava o tema, à laia de pergunta — «Camaradas: quantas crianças mestiças, cuja paternidade era imputada a militares ‘tugas’, vocês conheceram?» Foi uma trintena de *posts*, num blogue seguido por mais de 500 pessoas.

Poucos responderam directamente à pergunta: «Quantos de nós, na solidão da mata, na angústia e incerteza de como e se no dia seguinte estaríamos vivos, não cometeram actos que deram origem a estes casos», escreveu, evasivo, um ex-militar. Um outro, mais lírico, limitou-se a citar o «Poema da malta das naus», de António Gedeão: «Tremi no escuro da selva alambique de suores / Estendi na areia e na relva / mulheres de todas as cores.» Houve homens a considerar o assunto de fútil discussão, «nasceram alguns mulatos. E daí?», alongando-se em considerações de sabor lusotropicalista, «foram séculos a amar quem devia ser amado. Os deuses deram essa missão a este povo, senhores».

«Pais de multidões mestiças? Ena pá, o que para aí vai!», ironizou um militar. «São mais as vozes do que as nozes.» Os que responderam, mesmo, à pergunta lembravam-se de ter conhecido um «filho do vento» na sua comissão, no máximo dois. Alguns

até partilharam fotografias desses meninos claros que lhes ficaram na memória e nos álbuns de fotografias. «O ‘português suave’ de Cacine era o Manel. Era bastante claro e de cabelo louro, embora encaracolado», escreveu o militar que partilhou a foto que lhe tirou. O que se percebia é que, entre ex-militares, este era um segredo de Polichinelo.

Eu não sabia que os militares portugueses que combateram na Guerra Colonial tinham deixado filhos em África porque disso não se falava publicamente. Já os próprios sempre souberam. No blogue, um outro militar notava que o princípio a aplicar ao assunto deveria continuar a ser «*what happens in Vegas, stays in Vegas*».

Fora desse círculo masculino de silêncios partilhados, em algumas famílias de ex-combatentes sabia-se ou suspeitava-se que os maridos/pais tinham deixado descendência em África. Mas para muitas, descobri eu mais tarde por causa da reportagem que escrevi para o jornal *Público* em Junho de 2013<sup>1</sup>, isto era uma revelação. Mais de 40 anos depois do fim da guerra. Sei que me veio à cabeça uma deixa da personagem principal do romance de António Lobo Antunes *Os Cus de Judas*, a propósito da própria guerra, num livro ainda de 1979: «Porque camandro é que não se fala nisto?»

Quando parti para a Guiné-Bissau, em 2013, para tentar começar a contar esta história no *Público*, levava comigo apenas quatro contactos de supostos filhos de ex-militares portugueses com mulheres locais, incertos, carregava ainda a dúvida sobre se, existindo mesmo, queriam partilhar a sua história publicamente.

O que aconteceu foi avassalador. Um passa-palavra descontrolado colocou ao nosso dispor uma torrente de vidas que era impossível recolher no tempo que tínhamos para a reportagem, cerca de duas semanas. Eram tantas pessoas que algumas tinham

<sup>1</sup> As fotos da reportagem são da autoria de Manuel Roberto, os vídeos de Ricardo Rezende.

de esperar horas para as ouvirmos, as suas histórias eram as mensagens que nunca tinham conseguido enviar aos pais. Os primeiros dias deixaram-me emocionada, mas houve momentos em que me senti como se estivesse num *guichet* de repartição pública. Eu fazia ali as vezes de Portugal, a preencher folhas e folhas de relatos que, a certa altura, se repetiam no essencial.

Ouvi estes filhos quase até à hora da partida do avião. Foi o testemunho de Fernando Hedgar da Silva, recolhido à tangente, que me fez querer escrever este livro. É a ele, um homem sensível e inteligente que decidiu entretanto unir estes filhos numa associação, que o dedico.

Quantas vezes em trabalho de reportagem não senti o desconsolo e o desperdício de ter de arrumar e encerrar para sempre a história de uma pessoa num ou dois pífios parágrafos, que ficavam ali pendurados numa reportagem? Fragmentos de vidas que teriam tão mais que se lhes diga? Quantas vezes, enquanto jornalista, não senti o desejo, sem ter o tempo, de as completar, de aguardar, com vagar e paciência, que se desenrolassem, e continuar de onde fiquei? O luxo de poder esperar por um fim, ou até de contribuir para que ele tivesse lugar.

A razão de ser deste livro, e o seu ponto de partida, é essa história colectiva que comecei a contar no *Público* e que nunca mais me largou. Passei os últimos quatro anos da minha vida, desde a reportagem, mergulhada nestas histórias. E por isso quis voltar à Guiné sozinha, em 2015, para continuar a contá-las, e continuo até hoje a manter-me ligada às suas vidas.

Na reportagem publicada assomavam já as vidas de Fernando e de Óscar, que se queriam como uma espécie de metáfora de um todo mais vasto. Fernando cabia num parágrafo e três frases soltas, Óscar num pouco mais. Aqui passaram a protagonistas.

Percebi que alguns consideraram ofensivo o nome mediático, «filhos do vento», com que foi baptizada a reportagem multimédia, porque os pais deles não são brisa nem ventania, são

homens de Portugal. Também me apercebi que, por cá, alguns ex-combatentes portugueses não apreciaram o nome da associação que Fernando criou na sequência da reportagem, Associação Filho de Tuga, porque «tuga» era o nome que tinham quando eram o inimigo (os «Tugas» contra os «Turras»). Parecem ser dois mundos fadados à incompreensão.

Depois da reportagem inicial, mais, em consequência da sua publicação, as vidas deles desenrolaram-se e encontraram, à sua maneira, um desfecho. É desse desenrolar que aqui dou conta. Emília, a terceira história deste livro, foi impelida pela leitura do artigo a tentar encontrar os gémeos que sabia que o pai deixara na guerra.

Nos últimos quatro anos, escreveram-me dezenas e dezenas de pessoas. Sobretudo filhos à procura de pais. Uma tia. Alguns irmãos. Uma viúva, a quem tinha acabado de morrer o marido, que queria muito encontrar o filho da guerra de que ele lhe falara, como tributo (não conseguimos). Uma filha com o pai doente queria que a ajudasse a saber do irmão, abandonado num orfanato em Moçambique (nunca soube nada dele). Quatro anos depois, continuo a receber *emails* de filhos (e já de alguns netos), de alguns irmãos. Nenhum pai me escreveu.

Dos pais tive eu de ir à procura. O livro termina com a história de vários e de um em particular, António Bento. A reportagem que escrevi sobre essa outra viagem que fiz a Angola, também para o *Público*, publicada em Junho de 2015, ficou a chamar-se «Quem é o filho que António deixou na guerra?». Aqui a reproduzo, com alterações, e a continuo a contar, acrescentando-lhe o que aconteceu antes da partida e depois da sua publicação.

Este é, portanto, um livro de pós-reportagem. Fala do que aconteceu por causa das duas reportagens e a seguir a elas. É um livro em que assumo que passei a fazer parte desta história, deixei de estar de fora, de a olhar como estranha. Deixei-me enredar por estes filhos que têm mais ou menos a minha idade e que seguiram uma existência paralela à minha, que se cruzou de

forma muito diferente com a mesma guerra (o meu pai foi ex-combatente em Angola).

É fácil estar de fora e julgar estes pais como os maus desta fita. Sei que, em comparação com as mulheres africanas, as mães destas histórias, eles — homens, militares, membros de um exército colonial — estavam numa situação de superioridade que lhes facilitava os «encontros» que resultaram em filhos. E que vinham na esteira do fenómeno antigo da «miscigenação», que marcou o espaço e o tempo coloniais.

Os filhos da Guerra Colonial portuguesa são filhos do estertor do último império colonial europeu. Em Angola, não fazem distinção, chamam aos filhos desta guerra o mesmo que chamam aos que nasceram antes dela, de pais brancos portugueses e mães negras: «Filhos dos colonos.» O que a guerra fez foi multiplicar a presença masculina nestes territórios, parecendo transformar este período final do colonialismo português numa espécie de motor de nascimentos.

Seria importante conhecer a dimensão deste universo, mas não me cabe essa tarefa. O que deixo é a estimativa da Associação Filho de Tuga, que calcula serem mais de 500 pessoas na Guiné (onde estiveram cerca de 200 mil homens), e os números de filhos de outras guerras, de contextos diferentes: para o Vietname foram mobilizados mais de dois milhões de militares<sup>1</sup>, cerca de 25 mil dos filhos foram autorizados a ir viver para os Estados Unidos; na Coreia estiveram à volta de 37 mil homens e estima-se que tenham ficado cerca de mil filhos<sup>2</sup>; na Indochina haveria 200 mil militares holandeses, calcula-se que tenham ficado entre cinco a dez mil crianças<sup>3</sup>. Para a Guerra Colonial foram mobilizados cerca de um milhão de militares portugueses...

1 Dados do *site* do Department of Veteran Affairs.

2 Kai Grieg, *The War Children of the World*, p. 29.

3 Estimativa avançada pela investigadora holandesa Stefania Scagliola.

## BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Aniceto, e Carlos de Matos Gomes, *Os Anos da Guerra Colonial — 1961-1975*, QuidNovi, Matosinhos, 2010.
- *Os Anos da Guerra Colonial — 1966. Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, QuidNovi, Matosinhos, 2009.
- *Os Anos da Guerra Colonial — 1967. África para sempre*, Volume 8, QuidNovi, Matosinhos, 2009.
- ANTUNES, António Lobo, *Os Cus de Judas*, Dom Quixote, Alfragide, 2008.
- BEMARK, Fred, e Rita Chi-Ying Chung, «Vietnamese amerasians: The relationship between biological father, psychological distress, and self-destructive behavior», *Journal of Community Psychology*, Volume 27, n.º 4, 2 de Julho de 1999, pp. 443-456.
- BERNARDO, Manuel Amaro, *Guerra, Paz e Fuzilamentos dos Guerreiros — Guiné, 1970-1980*, Prefácio, Lisboa, 2007.
- BUCK, Pearl S., *Filhos da Guerra*, Livros do Brasil, Lisboa, 1984.
- CABRAL, João de Pina, e Susana de Matos Viegas (org.), *Nomes: Género, Etnicidade e Família*, Almedina, Coimbra, 2007.
- CRIBB, R., «The brief genocide of the Eurasians in Indonesia, 1945/46», in A.D. Moses (ed.), *Empire, Colony, Genocide, Conquest, Occupation, and Subaltern Resistance in World History*, Berghahn Books, Nova Iorque, 2008.
- CRUZEIRO, Maria Manuela, «As mulheres e a Guerra Colonial: Um silêncio demasiado ruidoso», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 68, Coimbra, Abril de 2004, pp. 31-41.
- CUNHA, Eugénia, e Maria Teresa Ferreira, Sónia Codinha, Gonçalo Carnim, Carina Marques e Cláudia Umbelino, «Recovering memories of the Portuguese Colonial War through forensic anthropology», in W.J. Mike Groen

- (ed.) *Forensic Archaeology: A global perspective*, John Wiley & Sons, Nova Jér-  
sia, 2015.
- DAO, James, «Vietnam Legacy: Finding G.I. Fathers, and children left behind»,  
in *New York Times*, 15 de Setembro de 2015. Disponível em <http://www.nytimes.com/2013/09/16/us/vietnam-legacy-finding-gi-fathers-and-children-left-behind.html>
- DENÉCHÈRE, Yves, «Les 'rapatriements' en France des enfants eurasiens de  
l'ex-Indochine», *Revue d'histoire de l'enfance «irrégulière»*, 14, 2012, pp. 123-141.  
Disponível em <https://rhei.revues.org/3398>
- DJALÓ, Tchernó, *O Mestiço e o Poder-Identities, Dominações e Resistências na  
Guiné*, Vega, Lisboa, 2012.
- GOMES, Catarina, *Pai, Tiveste Medo?*, Matéria-Prima Edições, Lisboa, 2014.
- «Em busca do pai tuga», in *Público*, 14 de Julho de 2013. Disponível em <https://www.publico.pt/2013/07/14/jornal/em-busca-do-pai-tuga-26784585>
- «Filhos de ex-combatentes portugueses deixaram coroa de flores ao 'pai  
desconhecido'», in *Público*, 2 de Novembro de 2013. Disponível em <https://www.publico.pt/2013/11/02/jornal/filhos-de-excombatentes-portugueses-deixaram-coroa-de-flores-ao-pai-desconhecido-27341487>
- Com Manuel Roberto (Fotos), Ricardo Rezende (Vídeo), «Quem é o filho  
que António deixou na guerra?», in *Público*, 21 de Junho de 2015. Disponí-  
vel em <https://acervo.publico.pt/sociedade/noticia/quem-e-o-filho-que-antonio-deixou-na-guerra-1699039>
- «Filhos do Vento», in *Público*, 14 de Julho de 2013. Disponível em <https://acervo.publico.pt/filhos-do-vento>
- GOWEN, Annie, «Os filhos do pó», in *Público*, 26 de Abril de 2015. Disponível  
em <https://www.publico.pt/2015/04/26/mundo/noticia/os-filhos-do-po-1693>
- GRIEG, Kai, «The war children of the world — War and Children Identity  
Project», Bergen, Dezembro de 2001. Disponível em [https://www.academia.edu/2189623/The\\_war\\_children\\_of\\_the\\_world](https://www.academia.edu/2189623/The_war_children_of_the_world)
- International Network for Interdisciplinary Research on Chil-  
dren Born of War, «Children Born of War in a Comparative Perspective:  
State of the Art and Recommendations for Future Research and Policy»,  
3 e 4 de Março de 2016, Colónia. Disponível em <https://static1.squarespace.com/static/554c5953e4b049566853c20c/t/5750664e01dbae623ecc812d/1464886878721/Key+Outcomes++CBOw++Cologne-Expert-Meeting-March2016.pdf>
- KNOPFLI, Rui, *Nada Tem Já Encanto*, Tinta-da-china, Lisboa, 2017.
- KNUF, Thorsten, «La dernière bataille des enfants de la guerre», in *Courrier In-  
ternational*, 22 de Julho de 2010. Disponível em <https://www.courrierinternational.com/article/2010/07/22/la-derniere-bataille-des-enfants-de-la-guerre>
- LAMB, David, «Children of the Vietnam war», in *Smithsonian Magazine*, Junho  
de 2009. Disponível em <https://www.smithsonianmag.com/travel/children-of-the-vietnam-war-131207347/>
- PÉLISSIER, René, *História da Guiné. Portugueses e africanos na Senegâmbia (1841-  
1936)*, Volume II, Editorial Estampa, Lisboa, 2001.
- PINTO, António Costa, *O Fim do Império Português. A cena internacional, a Guer-  
ra Colonial e a descolonização, 1961-1975*, Livros Horizonte, Lisboa, 2001.
- McKELVEY, Robert S., *The Dust of Life: America's Children Abandoned in Viet-  
nam*, University of Washington Press, Seattle, 1999.
- MOCHMANN, Ingvill C., e Sabine Lee, Barbara Stelzl-Marx, «The children  
of occupations born during the Second World War and beyond — an over-  
view», in *Historical Social Research*, Volume 34, n.º 3, 2009. pp. 263-282. Dis-  
ponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/28728>
- NEVES, Helena, «Amor em tempo de guerra: Guerra Colonial, a (in)comuni-  
cabilidade (im)possível», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 68 (Abril de  
2004), Coimbra, pp. 43-64.
- NGUYEN, Kien, *The Unwanted: A memoir of childhood*, Little Brown and Com-  
pany, Boston, 2002.
- PICARD, Maurin, «200 000 enfants de soldats allemands seraient nés en  
France», in *Le Figaro*, 30 de Novembro de 2009. Disponível em <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2009/11/30/01016-20091130ARTFIG00413-200000-enfants-de-soldats-allemands-seraient-nes-en-france-.php>
- REIS, Rafael Luís Vale e, *O Direito ao Conhecimento das Origens Genéticas*, Coim-  
bra Editora, 2008.
- RODRIGUES, Fátima da Cruz, «A desmobilização dos combatentes africa-  
nos das Forças Armadas Portuguesas da Guerra Colonial (1961-1974)», in *Ler*

- História*, n.º 65, 2013, pp. 113-128. Disponível em <https://lerhistoria.revues.org/484>
- ROLLAND, Dominique, «Indochine: les oubliés de Sainte-Livrade», in *L'Histoire*, n.º 356, Setembro de 2010.
- SAÚDE, José, Guiné-Bissau. *As Minhas Memórias de Gabu 1973-74*, Edição CCA – Cooperativa Cultural Alentejana, Junho de 2013.
- SCAGIOLA, Stefania, «Coming of age in the arms of the baboe. Reminiscences of former Dutch conscripts who served in Indonesia, of their love affairs with local female servants; and the consequences: children of mixed blood» [Apresentação em inglês fornecida pela autora feita no âmbito do Erasmus Studio for e-research].
- TAGLIABUE, John, «Tracing Roots Fostered by War, Severed by Shame», in *The New York Times*, 9 de Julho de 2009. Disponível em <http://www.nytimes.com/2009/07/10/world/europe/10france.html>
- WOOLLACOT, John, «A luta pela libertação nacional na Guiné-Bissau e a revolução em Portugal», in *Análise Social*, Volume XIX (77-78-79), 1983, pp. 1131-1155.
- YARBOROUGH, Trin, *Surviving Twice: American children on the Vietnam war*, Potomac Books, Dulles, 2005.
- ZONABEND, Françoise, «Le Nom de personne», in *L'Homme*, Volume 20, n.º 4, 2008, pp. 7-23.

## OUTRAS FONTES

- Arquivo Histórico Militar, História de Unidade do Batalhão de Artilharia 6321, divisão 2.º, secção 2.º, caixa 200, n.º 9.

## AUDIOVISUAL

- FONSECA, Ricardo, e Carlos Santos (imagem), *Grande Reportagem: Ninguém fica para trás*, SIC, 18 de Abril de 2008.
- ROSTAN, Philippe (realizador), *Inconnu, présumé français*, Filmover Production e France Télévisions pôle France Ô, 2008.

- WIESTNA, Annegriet (realizadora), *Tuan Papa*, Hellwig Productions Audio-visuals, 2010.

## SITES

- INTERNATIONAL NETWORK FOR INTERDISCIPLINARY RESEARCH ON CHILDREN BORN OF WAR (Rede Internacional de Pesquisa Interdisciplinar sobre Crianças Nascidas da Guerra)  
<http://www.childrenbornofwar.org/>
- WAR LOVE CHILD (Holanda)  
<https://www.oorlogsliefdekind.nl/en/>
- BORN OF WAR INTERNATIONAL NETWORK (Rede de Associações Nacionais de Crianças Nascidas da Guerra)  
<http://www.bowin.eu/>
- LIGA DOS COMBATENTES  
[www.ligacombatentes.org.pt](http://www.ligacombatentes.org.pt)
- LUÍS GRAÇA & CAMARADAS DA GUINÉ (blogue de ex-combatentes)  
<http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt>
- UNITED STATES DEPARTMENT OF VETERAN AFFAIRS  
<https://www.va.gov/OAA/pocketcard/m-vietnam.asp>
- NAÇÕES UNIDAS  
<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=guinea-bissau>  
<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=mozambique>  
<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=angola>

## AGRADECIMENTOS

Ao Fernando Hedgar da Silva, que foi o motor deste livro, e aos tantos filhos desta guerra que aceitaram confiar-me as suas vidas. Agradeço sobretudo aos protagonistas das quatro histórias que compõem este livro pela paciência com que, nos últimos quatro anos, me deixaram acompanhar os seus percursos: Óscar Albuquerque e a sua tia, Emília, os irmãos gémeos Celestino e Celestina, António Bento e o seu filho, Jorge Paulo Bento, e António Carvalho, que me levou até eles.

Às dezenas e dezenas de pessoas (filhos, irmãos, netos) que me escreveram na esperança, não concretizada, de ver completada a sua história. Não estão neste livro, mas este livro também vos inclui.

Ao José Saúde, ex-combatente que teve a coragem de, pela primeira vez, lançar o tema dos filhos da guerra aos seus camaradas. Ao Luís Graça, por manter tão vivo o blogue «contra a vala comum do esquecimento», e pela sua disponibilidade desde as primeiras perguntas.

À arqueóloga Conceição Vitoriano Maia, por ter partilhado a dolorosa história do seu irmão. Assim como à investigadora Eugénia Cunha, por me ter disponibilizado o seu artigo sobre a Operação Conservação de Memórias, e ao presidente da Liga dos Combatentes, Francisco Chito Rodrigues, e vice-presidente, Fernando Aguda, pelas suas explicações acerca desta.

À Gabriela Serrão, pelo encorajamento à distância durante a minha viagem solitária à Guiné.

Aos investigadores Ingvill Mochmann, Stefania Scagiola e Robert Cribb, pelos seus preciosos esclarecimentos. À realizadora Annegriet Wiestma, por me ter generosamente enviado o seu documentário *Tuan Papa*.

As duas reportagens que foram o ponto de partida para este livro não teria acontecido sem o apoio da então directora do jornal *Público*, Bárbara Reis. Aos meus colegas nessas duas primeiras viagens, Manuel Roberto e Ricardo Rezende.

Ao Gonçalo, por tudo.





# FURRIEL NÃO É NOME DE PAI

---

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT  
E IMPRESSO EM PAPEL CORAL BOOK DE 70 G,  
NA EIGAL, INDÚSTRIA GRÁFICA, NO MÊS  
DE ABRIL DE 2018.

